

AUTOPESQUISA PARAGENÉTICA A PARTIR DA MEMÓRIA IMPLÍCITA

Paragenetic Self-Research from Implicit Memory

Autoinvestigación Paragenética a partir de la Memoria Implícita

Camila Machado | camilamachadocmg@gmail.com

Médica. Voluntária da Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (Ceaec) e da Associação Internacional de Pesquisas Serioxológicas e Holobiográficas (Consecutivus).

Palavras-chave:

Auto-herança inconsciente
Mnemossomática
Paracérebro
Paraengrama

Keywords:

Mnemosomatics
Parabrain
Paraengram
Self-inheritance
unconscious

Palabras clave:

Autoherencia
Inconsciente
Mnemosomática
Paracerebro
Paraengrama

Resumo:

O presente artigo é resultante das pesquisas da autora sobre o tema da *interação cérebro-paracérebro*. O objetivo da pesquisa é apresentar reflexões iniciais sobre a *interação memória física-holomemória* e propor técnica de autopesquisa paragenética a partir do estudo das memórias implícitas, também conhecidas como *inconscientes*. A metodologia envolveu revisão bibliográfica sobre o tema nas bases de dados conscienciológicas e convencionais. Foram estabelecidos subtipos de memória implícita, visando maior sistematização e cientificidade à autopesquisa. O artigo é finalizado com exposição da casuística da autora e análise conforme metodologia proposta. Foi possível concluir, por meio desta pesquisa, que a influência dos paraengramas holomnemônicos adquiridos ao longo da *seriéxis* pode influenciar a matriz cognitiva da consciência, sendo, portanto, possível obter pistas relevantes da trajetória holobiográfica pessoal a partir do estudo das próprias memórias implícitas.

Abstract:

This article is the result of the author's research on the topic of the brain-parabrain interaction. The objective of the research is to present initial reflections on the physical memory-holomemory interaction to propose a paragenetic self-research technique based on the study of implicit memories, also known as unconscious memories. The methodology included a literature review on the subject in conscienciological and conventional databases. Implicit memory subtypes were established, aiming at greater systematization and scientificity in self-research. The article ends with an exposition of the author's casuistry and analysis according to the proposed methodology. It was possible to conclude, through this research, that the influence of holomnemonic paraengrams acquired throughout the *seriexis* can influence the cognitive matrix of a consciousness. It is, therefore, possible to obtain relevant clues about the personal holobiographical trajectory from the study of one's own implicit memories.

Resumen:

El presente artículo es el resultado de las investigaciones de la autora sobre la interacción cerebro-paracerebro. El objetivo de la investigación es presentar reflexiones iniciales sobre la interacción memoria física-holomemoria y proponer técnica de autoinvestigación paragenética a partir del estudio de las memorias implícitas, también conocidas como *inconscientes*. La metodología incluyó la revisión bibliográfica sobre el tema en las bases de datos conscienciológicas y convencionales. Fueron establecidos subtipos de memoria implícita, buscando mayor sistematización y cientificidad en la autoinvestigación. El artículo finaliza con la exposición de la casuística de la autora y análisis de acuerdo a la metodología propuesta. Fue posible concluir, por medio de esta investigación, que la influencia de los paraengramas holomnemónicos adquiridos a lo largo de la *seriexis* puede influir en la matriz cognitiva de la conciencia, siendo, por lo tanto, posible obtener pistas relevantes de la trayectoria holobiográfica personal a partir del estudio de las propias memorias implícitas.

INTRODUÇÃO

Contextualização. O presente artigo é resultante das pesquisas desta autora sobre o tema da *interação cérebro-paracérebro*. O entendimento da *relação memória física–holomemória* seria uma das possíveis abordagens deste estudo.

Paragenética. Segundo a *Parageneticologia*, a consciência traz *marcas* de retrovidas que podem ser manifestadas pelo holossoma atual. Essas marcas podem ser estigmas somáticos, padrões energéticos, características psicossomáticas e aspectos mentaissomáticos. É possível compreender um pouco melhor a associação *memória física–holomemória* a partir do entendimento do mecanismo para fisiológico da paragenética.

Memória. Seguindo esse raciocínio, as retromemórias, armazenadas no paracérebro, também poderiam ser transmitidas ao novo soma, a partir da *interação cérebro-paracérebro*. Quanto mais ampliada essa interface, em tese, maior seria o *download* mnemônico de situações, contextos, experiências, hábitos, trejeitos, traços de temperamento e traumas de outras vidas.

Motivação. A motivação para a escrita deste artigo advém de experiência pessoal envolvendo determinada memória implícita, ao modo de reação reflexa deslocada do contexto atual, para a qual se levantou a hipótese de possível origem em retrovida.

Objetivo. A finalidade deste trabalho, portanto, é apresentar reflexões iniciais sobre a *interação memória física–holomemória* e propor técnica de autopesquisa paragenética a partir do estudo das memórias implícitas.

Metodologia. O método de pesquisa envolveu revisão bibliográfica nas bases de dados da ciência convencional e conscienciológica sobre o tema memória. Foram selecionados artigos científicos, verbetes e capítulos de livros que apresentaram melhor didática em relação ao assunto abordado. Após a fundamentação bibliográfica, foram estabelecidos subtipos de memória implícita, visando maior sistematização e cientificidade na autopesquisa. O artigo é finalizado com exposição da casuística pessoal e análise conforme metodologia proposta.

Estrutura. O artigo está dividido em 4 partes:

- I. **Memória física: bases neurofisiológicas e categorização.**
- II. ***Binômio memória–holomemória.***
- III. **Autopesquisa paragenética da memória implícita.**
- IV. **Casuística pessoal.**

I. MEMÓRIA FÍSICA: BASES NEUROFISIOLOGICAS E CATEGORIZAÇÃO

Definição. A *memória* é a capacidade cerebral de codificar, armazenar e recuperar informações adquiridas por meio do aprendizado, permitindo a retenção e a utilização de experiências passadas

para orientar comportamentos futuros (Kandel, 2003, p. 1.237 e 1.238; Mourão Júnior; & Faria, 2015, p. 780 a 782; Xavier, 1993, p. 61 e 62).

Etapas. Pode-se dividir didaticamente o processo neurofisiológico da memória em 3 etapas integradas e indispensáveis, descritas a seguir em ordem lógica funcional (Mourão Júnior; & Faria, 2015, p. 781):

1. **Aquisição:** refere-se à decodificação de estímulos sensoriais em trajetos neurais. Trata-se do momento em que a informação chega ao nosso sistema nervoso e depende da integridade das estruturas sensoriais. Os estímulos físicos são captados através dos neurorreceptores dos 5 sentidos (visão, audição, tato, paladar e olfato) e as respectivas informações são transportadas até o cérebro por meio dos neurônios sensitivos.

2. **Consolidação:** refere-se ao processo de armazenamento da informação a partir da neuroplasticidade, isto é, a capacidade do cérebro de se transformar frente a estímulos do ambiente. Esse armazenamento pode ser de curto ou longo prazo. Quanto menor o prazo de armazenamento, mais efêmeras são as modificações sinápticas, predominando, nesse caso, alterações eletrofisiológicas nos neurônios. O armazenamento de longo prazo envolve alterações bioquímicas estruturais e funcionais, o que possibilita uma fixação mais duradoura, de semanas, meses a anos.

3. **Evocação:** refere-se ao processo neurofisiológico de recordar, lembrar, reaccessar a informação armazenada.

Influenciadores. Para o adequado funcionamento desse processo, são necessárias algumas condições favoráveis ao organismo. Pela *Mnemossomatologia*, eis 8 elementos que influenciam o processo de memorização organizados a seguir em ordem funcional (Dalgallarrondo, 2019, p. 132 e 133):

1. **Alerta:** nível de consciência e estado geral do organismo em cada uma dessas etapas.
2. **Foco:** atenção focal.
3. **Bagagem:** conhecimento anterior.
4. **Entendimento:** capacidade de compreensão do significado da informação.
5. **Circunstância:** estabelecimento de contexto rico e elaborado.
6. **Motivação:** interesse e “colorido emocional”.
7. **Duração:** organização e distribuição temporal (período de exposição à informação).
8. **Mapas mentais:** codificação da informação em mais de uma via (visual, auditiva, tátil, cinestésica).

Genética. É importante destacar também a relação entre genética e memória física. As memórias de longo prazo, que promovem fenômenos de neuroplasticidade, podem levar a alterações genéticas. Os genes, por sua vez, podem carregar essas “marcas” ao longo da vida (epigenética), por meio da qual influenciarão a forma de lidar com experiências futuras. Pesquisas recentes levantam a hipótese de que seria possível também, nos casos em que forem afetadas as células gaméticas (ovócitos e espermatozoides), a transferência dessas informações por hereditariedade aos seus descendentes (Yehuda, 2018, p. 249 e 250).

Consenso. Atualmente, existem diversas formas de classificar a memória, variando a depender do autor e período estudado. Neste artigo, convencionou-se apresentar a classificação proposta por Lent (Lent, 2010, *apud* Mourão Júnior; & Farias, 2015, p. 782), que diferencia as memórias a partir de duas características centrais: tempo de armazenamento e natureza da memória, sintetizadas a seguir na Figura 1.

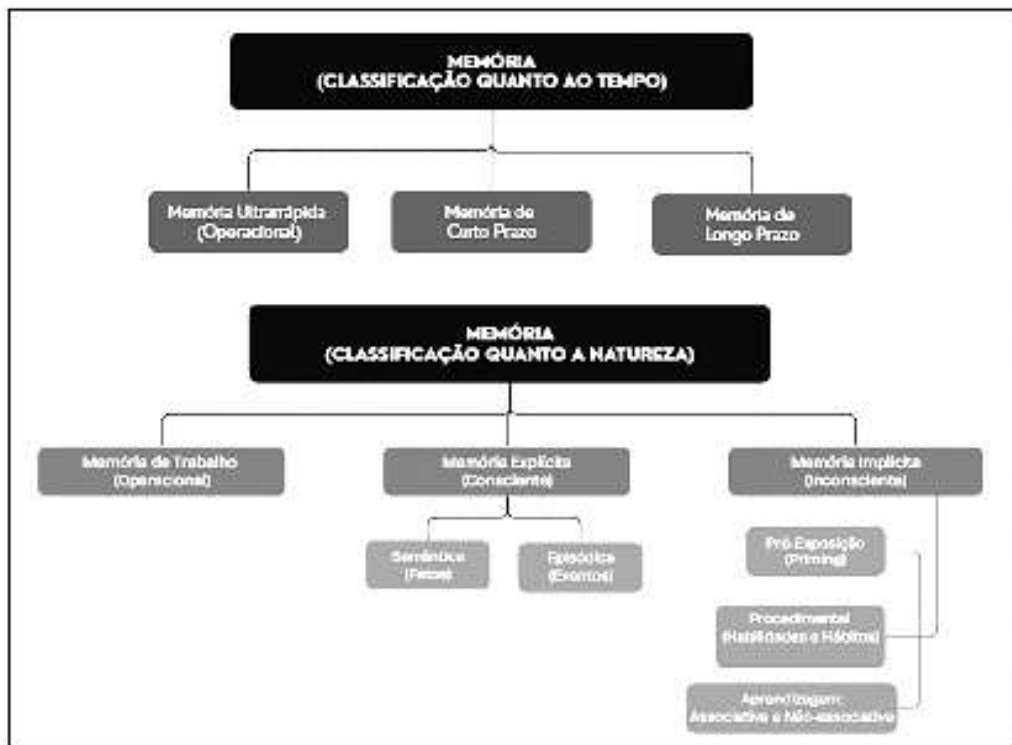


Figura 01 – Classificação da memória quanto à natureza

Fonte: Adaptado de Mourão Júnior; & Farias (2015, p. 782) e Xavier (1993, p. 94).

Tempo. A memória pode ser classificada quanto ao tempo em 3 categorias: A *memória ultrarrápida*, aquela que dura apenas alguns segundos; a *memória de longo prazo*, que dura longos períodos, de meses, anos ou décadas; e a *memória de curto prazo*, que se constitui de tempo médio entre as duas outras (Mourão Júnior; & Farias 2015, p. 783).

Natureza. A memória também pode ser classificada quanto à natureza em 3 categorias: A *memória de trabalho* que possui capacidade limitada a poucos segundos, permitindo armazenar informações apenas enquanto necessário. É útil para o indivíduo gerenciar as informações que estão transitando pelo cérebro, criando um fluxo de pensamento coeso e coerente. A *memória explícita* corresponde às memórias conscientes, acessíveis, podendo ser evocadas por meio de palavras. Subdivide-se em *memória episódica*, referente à lembrança de “episódios” de vida, e *memória semântica*, que abrange conhecimentos gerais (Mourão Júnior; & Farias 2015, p. 785). Por fim, a *memória implícita*, que corresponde às memórias que estão a nível inconsciente e não podem ser evocadas por palavras, mas sim por ações. Esta última, por ser o enfoque de pesquisa do presente artigo, será aprofundada na próxima seção.

MEMÓRIA IMPLÍCITA

Definição. A memória implícita, ou não-declarativa, é um tipo de memória que ocorre de maneira *inconsciente* e *automática*, permitindo a retenção e a utilização de habilidades, hábitos e associações adquiridas pelo aprendizado, sem a necessidade de esforço consciente para sua evocação (Kandel, 2003, p. 1.239; Xavier, 1993, p. 74).

Inconsciente. Nesse tipo de memória, chama atenção o caráter inconsciente no processo de retenção e acesso mnemônico. Isso ocorre porque tais informações são processadas em estruturas neurais subcorticais (gânglios da base, amígdala, cerebelo e vias reflexas) (Kandel, 2003, p. 1.231). “A existência de memória implícita é inferida por meio da facilitação do desempenho, uma vez que está ausente o acesso consciente e intencional à informação” (Xavier, 1993, p. 74).

Neurologia. Segundo a *Neurociência*, a memória implícita precisa de tempo prolongado de treinamento e repetição para ser apreendida e consolidada; quando fixada, independe da atenção para sua recuperação (Xavier, 1993, p. 79).

“Esse tipo de memória é construída lentamente, através da repetição por várias abordagens, e é expressa principalmente em desempenho, não em palavras. Exemplos de memória implícita incluem habilidades perceptuais e motoras e a aprendizagem de certos procedimentos e regras” (Kandel, 2003, p. 1.239).

Categorias. Conforme visto acima, a memória implícita pode ser dividida em 3 categorias, descritas a seguir em ordem alfabética:

1. **Aprendizagem:** Na aprendizagem associativa, o indivíduo aprende sobre a relação entre dois estímulos; entre um estímulo e um comportamento; ou determinados comportamentos e suas consequências (recompensa ou punição). Exemplo: parar o carro no sinal vermelho (Kandel, 2003, p. 1.240; Mourão Júnior; & Faria, 2015, p. 787). Na aprendizagem não-associativa, o indivíduo aprende sobre as propriedades de um único estímulo, podendo ser ainda subdividida em habituação e sensibilização. Exemplo: um animal responde mais vigorosamente a um estímulo tátil após ter recebido um beliscão (Kandel, 2003, p. 1.240).

2. **Memória procedimental:** são memórias relacionadas a procedimentos e habilidades difíceis de serem aprendidas, pois necessitam de muita repetição para se tornarem consolidadas. Porém, uma vez fixadas, tornam-se automáticas, inconscientes e extremamente resistentes ao esquecimento. Exemplo: andar de bicicleta, nadar ou dirigir (Mourão Júnior; & Faria, 2015, p. 787).

3. **Pré-Exposição (*Priming*):** é o fenômeno em que a exposição prévia a uma informação influencia, de modo inconsciente, a resposta subsequente, facilitando o processamento ou a recuperação de informações relacionadas, mesmo sem a consciência dessa influência. Exemplo: memória que é evocada por meio de dicas ou pistas e estratégia utilizada nas propagandas subliminares, anúncios no meio de filmes ou vídeos contribuem para consolidar uma lembrança inconsciente do produto (Mourão Júnior; & Faria, 2015, p. 787).

Traumas. Além do processo lento e repetitivo, a consolidação de uma memória implícita pode ocorrer também após uma única experiência traumática. Isso ocorre devido ao envolvimento de intensa resposta emocional, que desencadeia alterações estruturais orgânicas importantes, incluindo uma reorganização do sistema nervoso (Van der Kolk, 2020, p. 65 – Ver Parte II: “Cérebro Traumatizado”). Uma única experiência traumática é suficiente para gravar profundamente o inconsciente humano, podendo levar a comportamentos disfuncionais para o resto da vida se não tratados (Van der Kolk, 2020, p. 66).

Síntese. Segundo Kandel (2003, p. 1.227), o “comportamento é o resultado da interação entre genes e ambiente”. Dessa forma, pode-se sintetizar que, pela *Neurociência*, existiriam 3 fatores determinantes por meio dos quais ocorreria a formação de memórias implícitas, expostos a seguir em ordem alfabética:

1. **Genética.** Interação entre genética e epigenética (mesologia).
2. **Repetição.** Estímulos repetidos e duradouros (treinamento).
3. **Trauma.** Experiências traumáticas.

Limitação. O paradigma materialista-intrafiscalista apresenta algumas limitações na abordagem do tema memória. *Como explicar, por essa ótica, os talentos inatos apresentados ainda na infância, sem tempo suficiente de treinamento e destoantes do contexto genético e mesológico familiar? Ou fobias específicas sem evidência de experiências nessa vida que justifiquem? E ainda sobre hábitos particulares muito destoantes da mesologia e herança genética?* Na próxima seção, visando elucidar essas questões, são apresentadas as reflexões iniciais desta autora sobre o tema da memória, fundamentadas no paradigma consciencial.

II. BINÔMIO MEMÓRIA-HOLOMEMÓRIA

Identidade. “Todo acontecimento da vida, por menor que seja, é armazenado, porém grande número de fatos pode ser temporariamente esquecido e aquilo que lembramos conscientemente representa apenas fração de nossa memória integral, total, ou seja, a fonte da identidade pessoal da consciência: a holomemória” (Vieira, 2009, p. 751).

Paracérebro. Todas as experiências que são vivenciadas em retrovidas estão armazenadas na holomemória, sediada no paracérebro. “Sendo menos perecível, o paracérebro sustenta o mecanismo contínuo, multimilenar e multiexistencial do renascimento intrafísico da consciex em inumeráveis corpos humanos [...] ou na *fieira progressiva de cérebros* perecíveis e efêmeros, adaptando-se a cada novo cérebro” (Vieira, 2013, p. 357).

Holomemória. As vivências são captadas pelas sinapses e parassinapses, armazenadas no cérebro e paracérebro na forma de engramas e paraengramas, e podem ser transmitidas de uma vida para outra por meio do paracérebro via paragenética.

Paraengramas. “O engrama é o sedimento mnemônico deixado, com caráter duradouro, no protoplasma dos tecidos do sistema nervoso” (Vieira, 2009, p. 751). O “paraengrama é marca, estigma ou impressão duradoura no paracérebro da consciência, proveniente de fortes experiências holossomáticas, ao longo da serialidade multiexistencial, capaz de influenciar o comportamento, tendências, traços, enfim, o próprio temperamento” (Fernandes, 2021, p. 105).

Paragenética. A herança paragenética influencia a organização genética do próximo soma e, consequentemente, a elaboração de sinapses cerebrais. “A rigor, é o paracérebro, e não a Genética, o principal responsável por estruturar a forma ou constituir o neossoma no período gestacional (9 meses)” (Vieira, 2014, p. 898). Em termos analógicos, talvez seja possível inferir que as sinapses (intrafísicas) seriam reflexo menos lúcido das parassinapses (extrafísicas).

Cérebro. Esse raciocínio pode ser corroborado com a colocação de Vieira (2014, p. 390) de que o “cérebro humano é um destilador fraco da essência ou extrato do paracérebro. A memória humana, por exemplo, é destilação parcial da holomemória da consciex.”

Memória. Conforme exposto na seção anterior, a memória física pode ser classificada em memória consciente (explícita) e inconsciente (implícita). Portanto, pela *Parafisiologia*, é possível supor que algumas retromemórias também estejam armazenadas de maneira inconsciente no cérebro físico (paraengramas).

Inconsciente. O inconsciente pode revelar-se por meio de “subprodutos” que surgem na consciência ao modo de hábitos, sonhos, atos falhos, chistes, condicionamentos ou por meio de situações de vida que se repetem (Dalgallarrondo, 2019, p. 71 a 72; Van Der Kolk, 2020, p. 43).

Hábitos. Nesse contexto, observa-se por exemplo o *hábito retrocognitivo*:

“O *hábito retrocognitivo* é a maneira usual de ser, sentir, ou agir de determinada consciência intra ou extrafísica, quando sozinha ou em grupo, com raízes retrossomáticas profundas (Holobiografologia), capaz de desencadear rememorações parciais ou globais de existências intrafísicas ou períodos intermissivos prévios (Holomnemossomatologia)” (Fernandes, 2021, p. 163).

Repetições. Observa-se também uma tendência a repetições inconscientes de experiências traumáticas de tal forma que a pessoa vivencia ciclos semelhantes até conseguir superar determinada condição (Van Der Kolk, 2020, p. 43). Expandindo o raciocínio para uma visão seriexológica, alguns traumas ocorridos em retrovidas podem também ser repetidos na vida atual com “roupagem” diferente para que seja possível aprender a lidar melhor, superar, ressignificar e crescer com o impacto da experiência na própria intraconsciencialidade amadurecida.

Nódulo. Desfazem-se, dessa forma, os *nódulos holomnemônicos* que muitas vezes perduram por dezenas de vidas no inconsciente da conscin. Esse *nó da memória multiexistencial* “é determinada retrocognição, lembrança ou recordação episódica, recorrente, persistente, perduradoura, de base traumática, impactante, secular ou multiexistencial, incrustada e indecifrada por longo período nos recessos oníricos da conscin, acarretando alguma preocupação enigmática” (Vieira, 2023, p. 23.720).



Hipótese. A principal hipótese deste artigo, portanto, é que a memória física inconsciente também carrega informações de retromemórias que podem contribuir com a autopesquisa seriexológica. Quando estimuladas, podem vir a se tornar conscientes na forma de retrocognições, por meio das quais processos malparados podem ser trabalhados, atenuados e até superados, a depender do nível de dedicação da consciência. “*Neomemórias intrafísicas puxam retromemórias extrafísicas*” (Vieira, 2014, p. 792).

Autopesquisa. Na próxima seção, estão apresentadas algumas estratégias para tornar mais técnica a autopesquisa da memória implícita.

III. AUTOPESQUISA PARAGENÉTICA DA MEMÓRIA IMPLÍCITA

Técnica. Foram elencados elementos de autopesquisa para cada uma das categorias de memória implícita descritas na seção anterior. A Tabela 1, a seguir, mostra essa sistematização.

Tabela 1 – Associação memória implícita e elementos de autopesquisa

Nº	Memória Implícita	Elementos de Autopesquisa
1.	Aprendizagens: associativas e não associativas	Ideias inatas; reações reflexas; reações emocionais; fobias
2.	Memória procedimental	Ideias inatas; hábitos; habilidade motora, perceptual e cognitiva
3.	Pré-exposição (<i>Priming</i>)	Ideias inatas; gatilhos retrocognitivos; afeições/desafeições; sensação de familiaridade com contexto histórico/cultural; facilidade com línguas estrangeiras

Transversal. É possível observar a relação das ideias inatas com os 3 tipos de memória implícita, sendo elemento transversal de autopesquisa. Essas ideias trazidas desde a infância podem ser fruto de condicionamentos ocorridos em retrovidas, estar relacionadas a memórias procedimentais ou apresentar-se pela forma de *priming*.

Descritores. São apresentados a seguir as 8 definições e exemplos dos elementos de autopesquisa incluídos na Tabela 1, organizados em ordem de menção, para facilitar a análise do pesquisador:

1. **Ideias inatas:** verificar quais aspectos manifestados na infância não tinham influência direta do meio de convívio ou genética familiar. “*Todos nascem sabendo. Temos ideias inatas. As ideias inatas, as cognições involuntárias e os recursos autodidáticos são manifestações da paragenética da conscin*” (Vieira, 2014, p. 1.245). Reflexão sugerida: *Quais ideias, comportamentos, habilidades, hábitos, medos, talentos apresentados por você na infância destoavam do contexto familiar (mesológico e genético)?*

2. **Reações reflexas e emocionais:** são ações realizadas antes mesmo do estímulo que as gerou tornar-se consciente. Demonstrem, em sua maioria, reações instintuais automáticas como resultado direto do “eco” do inconsciente a determinado acontecimento. Reflexão sugerida: *Já experimentou alguma resposta reflexa ou emocional automática aparentemente descontextualizada?*

3. **Fobias:** alguns medos podem ganhar a caracterização de “irracionais”, por ainda não terem sido identificados na sua origem. Porém, todas as sinapses têm um porquê evolutivo de existirem, mesmo que, no momento atual, pareçam sem sentido. Reflexão sugerida: *Você traz algum medo aparentemente irracional, que não tem fundamento nem explicação pelas experiências vivenciadas nesta vida?*

4. **Hábitos:** é a maneira usual de ser, sentir, ou agir de determinada consciência, que parece natural e comum, porém é algo *personalíssimo* e que ninguém ensinou. Reflexão sugerida: *Quais dos seus hábitos não foram ensinados, nem influenciados pela mesologia desta vida intrafísica?*

5. **Habilidade motora, perceptual e cognitiva:** são habilidades adquiridas por meio de repetição, esforço e treinamento. Porém, algumas vezes, pessoas apresentam desempenhos de alto nível sem, nesta vida, terem tido tempo hábil de desenvolvê-los. Segundo Vieira (2014, p. 909), a “*superdotação* é condição inata, paragenética, construída ao longo de vidas e séculos prévios. Toda genialidade, em tese, exige, por isso, muitas vidas em muitos séculos para ser alcançada.” Reflexão sugerida: *Você trouxe alguma habilidade ou genialidade que, apesar de não ter tido tempo suficiente de ser trabalhada nesta vida, se destacou?*

6. **Gatilhos retrocognitivos:** “O *gatilho retrocognitivo* é qualquer elemento intra ou extrafísico capaz de desencadear o reavivamento de retrossinapses paracerebrais, gerando repercussões proexológicas e holossomáticas na conscin lúcida, homem ou mulher” (Fernandes, 2023, p. 17.115). Reflexão sugerida: *Você já teve alguma memória instantânea de vida passada desencadeada por algum estímulo nesta vida?*

7. **Afeições e desafeições:** a relação com outras consciências pode desencadear sentimentos de afeição ou desafeição, geralmente relacionados a experiências conjuntas, tanto positivas como negativas. Entretanto, algumas vezes é possível mapear afeições e desafeições mesmo na ausência de memória consciente relacionada. Reflexão sugerida: *Alguma vez já sentiu afeição ou desafeição por alguém que acabou de conhecer?*

8. **Sensação de familiaridade com contexto histórico/cultural e facilidade com línguas estrangeiras:** mecanismo semelhante ao item 7 desta listagem, ocorre em relação à sensação de familiaridade com algum contexto histórico ou cultural e/ou maior facilidade com línguas estrangeiras. Reflexão sugerida: *Alguma vez já sentiu familiaridade com algum contexto já no primeiro contato? Sente facilidade com alguma língua estrangeira?*

Tecnicidade. Para evitar devaneios e misticismos, ao mapear determinada memória implícita, é importante o exercício de autopesquisa biográfica, no sentido de identificar quais contextos desta vida podem tê-la originado. Caso exista alguma ocorrência nesta vida que explique determinada memória, torna-se mais difícil discernir se seria algo novo, vivenciado pela primeira vez nesta vida, ou algo experimentado em retrovidas, que se repete na atual existência. Por exemplo: uma pessoa que tem fobia de água nesta vida, durante a autopesquisa biográfica com os genitores, pode identificar que, na primeira infância, vivenciou experiência de quase afogamento. Essa vivência pode ter desencadeado a fobia, mesmo sendo fato isolado desta vida. No entanto, também pode ser repetição de trauma de retrovida envolvendo experiência de afogamento (seja na condição de vítima, agressora, por acidente ou testemunha), que nesta vida repetiu-se com elementos diferentes.

Escopo. Devido à complexidade do tema e infinidade de possibilidades e vieses de análise, essas hipóteses podem ser consideradas como elementos de autopesquisa, porém, para metodologia proposta do artigo, optou-se pelo enfoque nas memórias que não podem ser explicadas por experiências da vida atual.

Exemplo. Na próxima seção, esta autora expõe o *labcon* pessoal visando aplicar a metodologia apresentada.

IV. CASUÍSTICA PESSOAL

Análise. Abaixo é apresentado trecho retirado do diário da autora:

“Agora à tarde fui visitar uma amiga, fiquei até o entardecer. Quando estava indo embora, ela me deu vários raminhos de ervas medicinais para levar para casa. Fiquei contente e agradecida pelo presente. Quando saí da casa dela, já tinha escurecido, vim caminhando pela calçada do condomínio (bem arborizada), estava com ramos de ervas na mão, apoiadas no antebraço, e algumas enroladas na parte da frente da camisa. Veio um carro em minha direção e, de imediato, senti um medo intenso. Meu coração acelerou e rapidamente me escondi atrás da árvore, como se estivesse fazendo algo ilícito. Depois de uns 3 segundos escondida pensei — “Ué, por que estou escondida?”. Saí de trás da árvore e continuei caminhando; o carro passou, nada aconteceu. Só uma sensação de alívio desproporcional de que, a partir dali, estava segura. Chegando em casa, não quis mais preparar os chás medicinais. Senti mal-estar e náuseas por alguns dias” (Diário desta autora em 30.09.2024).

Classificação. Essa experiência pode ser classificada conforme o fluxograma 1:

Memória implícita → Aprendizagem associativa → Reação emocional / Reação reflexa
--

Fluxograma 1 – Classificação da autoexperiência

Medo. O medo é uma forma de condicionamento em que determinado estímulo é interpretado como experiência nociva, desencadeando reações de autoproteção e autodefesa diante do suposto perigo.

Elementos. Esta autora já caminhou em calçadas próximas a ruas, com carros passando, sem desencadear nenhuma reação digna de nota. O elemento que diferenciou essa experiência foi estar portando ervas medicinais.

Biografia. Após avaliação minuciosa da autobiografia, incluindo pesquisa com os genitores e parentes próximos, não foi possível identificar experiência pessoal ou herança genética que possa ter originado um condicionamento que justificasse essa reação.

Reação. Nesta vida, a autora nunca foi repreendida, coagida, inibida ou proibida de caminhar em calçadas portando ervas medicinais. No entanto, a associação reflexa entre ser “descoberta carregando ervas medicinais” (estímulo) e “sofrer algum tipo de coerção” (consequência/punição), desencadeou resposta automática emocional intensa, com finalidade de autoproteção, a ponto de movimentar o sistema motor da autora em busca de abrigo.

Consciente. Quando, após alguns segundos, o estímulo e a resposta alcançaram o nível consciente, foi possível reajustar a resposta deslocada frente à inocuidade do fator desencadeante. Até o momento da escrita deste artigo, a origem do medo, da reação reflexa e emocional permanecem inconscientes, sendo possível apenas mapear seus efeitos (“ecos”).

Aversão. Após o ocorrido, observou-se certa aversão, manifestada na forma de mal-estar e náuseas, relacionada ao consumo de ervas e plantas para fins medicinais.

Reflexão. Como visto anteriormente, pela *Neurociência*, determinado condicionamento só acontece lentamente por meio de experiências repetidas ou após uma única experiência traumática. Nesta vida, no entanto, nenhuma dessas duas possibilidades foram identificadas. Assim, surge o questionamento: *de onde veio essa memória inconsciente que levou a autora a manifestar esse tipo de reação?*

Hipóteses. Após análise da situação sob a ótica do paradigma consciencial, foram levantadas 4 hipóteses para a origem dessa memória, elencadas a seguir em ordem de probabilidade, segundo autopesquisa:

1. **Retrorepetição:** Experiências ruins repetidas em retrovidas envolvendo uso de ervas medicinais.
2. **Retrotrauma:** Experiência traumática em uma ou mais retrovidas envolvendo uso de ervas medicinais.
3. **Acoplamentos:** Acoplamento com consciexes, no momento da ocorrência, com padrão de medo e apreensão em relação a serem flagradas com ervas medicinais.
4. **Interprisão:** Relação de interprisão no contexto de vítima-algoz entre esta autora e o motorista do carro que *deu início à reatividade deslocada*.

Contextos. A seguir estão elencados, em ordem cronológica, 4 retrocontextos históricos nos quais caminhar portando ervas medicinais representava ato ilícito ou perigoso:

1. **Celtas:** Os celtas representaram conjunto de povos que viveram na Europa aproximadamente entre 1500 a.e.c. e 600 d.e.c. Eles pertenciam à família linguística indo-europeia e estavam organizados em tribos. Utilizavam ervas e plantas para fins medicinais e espirituais, acreditando possuírem potencial curativo e transcendental dado pelos deuses. Os druidas, líderes religiosos e sábios, eram responsáveis pelo conhecimento das propriedades das plantas e por aplicá-las em rituais de cura e proteção. Quando o Império Romano (27 a.e.c. – 1453 d.e.c.) dominou o território celta, a prática de seus costumes e religião foi proibida, dando início a um longo período de conflitos e perseguições (Schneider, 2019, p. 231 a 251).

2. **Bruxaria:** Na Europa medieval, o uso de ervas foi associado à bruxaria, especialmente entre mulheres que conheciam plantas medicinais. Consideradas “feiticeiras” pela Igreja, elas utilizavam ervas para tratar doenças e promover rituais parapsíquicos, o que as levou à perseguição durante a Inquisição (Schneider, 2019, p. 373 a 398).

3. **Curandeirismo:** O curandeirismo, prática de cura embasada em conhecimentos tradicionais e populares, tem raízes profundas tanto na Europa quanto no Brasil. Na Europa, durante os séculos XVII e XVIII, curandeiros desempenhavam papel ambivalente: eram centrais na cultura popular por oferecerem tratamentos acessíveis, mas também marginalizados e perseguidos por autoridades médicas e religiosas, as quais buscavam consolidar a medicina acadêmica e eliminar práticas consideradas supersticiosas (Walker, 2004, p. 225 e 226). No Brasil, desde o período colonial, a medicina popular incorporou saberes indígenas, africanos e europeus, resultando em rica tradição de práticas de cura alternativas. Com a chegada da República, influenciada pelo positivismo europeu, houve tentativa de institucionalizar a “medicina científica” e criminalizar práticas tradicionais, como o curandeirismo, refletindo conflitos entre saberes populares e oficiais (Campos; Lorenzoni; & Lima, 2020, p. 229 e 230).

4. **Religiões de matriz africana:** Nas religiões afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda, as ervas têm papel central nos rituais de cura e purificação, conectando o mundo material ao espiritual. Cada orixá tem ervas associadas que são usadas em banhos, defumações e oferendas para proteção e equilíbrio energético (Almeida, 2011, p. 77 a 140). No Brasil, esse sistema paralelo de terapêutica tem sido duramente criticado pela sociedade desde o século XVI, sendo alvo de perseguição das autoridades até início do século XX (Almeida, 2011, p. 45).

Evidências. No artigo *Fichas Técnicas Retrocognitivas: Instrumento de Autopesquisa Seriexológica*, a autora insere tabela com hipótese de trajetória holobiográfica (Machado, 2024, p. 120) e expõe algumas das evidências seriexológicas da autopesquisa pessoal que corroboram possíveis vivências nesses contextos.

Grupos. Portanto, esta autora considera possível a relação pessoal com os contextos citados, seja por meio de autovivências ou acoplamentos com consciências que os viveram. Como se evolui em grupo, também é possível que familiares da autora tenham participado de contextos semelhantes, exemplificando a intrincada relação entre genética e paragenética grupal.

Matriz. Pode-se inferir também que a memória implícita seja uma das bases da matriz cognitiva da consciência nesta vida atual. Conforme exposto por Peres (2020, p. 82):

“**Interpretação.** Os indivíduos interpretam e reagem aos eventos em termos de seus significados percebidos, ou seja, de acordo com a matriz ou estrutura cognitiva já estabelecida, basicamente constituída por influência da paragenética, da genética, da mesologia e do aprendizado das experiências mais significativas. Embora haja uma forte tendência a repetir os padrões interpretativos, essa matriz não é inflexível e pode ser modificada pelo impacto de novas experiências ou por novas associações pensônicas.

Gonçalves & Vagula (2012, p. 7) discorrem sobre o conceito de *Modificabilidade Cognitiva Estrutural* ou a propensão do sujeito a assimilar e acomodar conhecimentos de modo que cause impacto e alterações em toda rede estrutural cognitiva, a partir da percepção e interação com a realidade externa ou interna.”

Síntese. Portanto, provavelmente a autora possui matriz cognitiva influenciada por experiências em contextos semelhantes aos anteriormente citados, o que implicou nesta vida, por exemplo, reação anacrônica gerada por um erro de interpretação.

Perspectivas. A pesquisa corrobora a colocação de Vieira (2014, p. 354) quando afirma que, no final das contas, “a consciência é a sua memória”. Portanto, importa fazer o possível para criar memórias mais lúcidas, no sentido de aproveitar evolutivamente todas as experiências, sejam elas traumáticas ou não, buscando ressignificar, aprender e evoluir com a vida humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paraengramas. Os achados desta pesquisa indicam que os paraengramas holomnemônicos adquiridos ao longo da *seriéxis* exercem influência direta sobre a matriz cognitiva da consciência, moldando padrões de pensenização, comportamento e processamento de informações na vida atual. Dessa forma, a análise das memórias implícitas (inconscientes) mostrou-se uma ferramenta promissora para a autopesquisa paragenética, permitindo o levantamento de hipóteses retrobiográficas por meio da análise dos “*ecos*” do inconsciente.

Técnica. A sistematização proposta dos subtipos de memória implícita contribui para a fundamentação da especialidade Parageneticologia, oferecendo um modelo técnico para o estudo da *interação cérebro-paracérebro* no âmbito da retrocognição. A seção 3 deste artigo, que detalha a técnica de autopesquisa paragenética, constitui um avanço metodológico ao propor um caminho estruturado para a investigação da própria holomemória a partir da memória implícita.

Prospectivas. Como encaminhamento, a autora pretende dar continuidade aos estudos da *interação cérebro-paracérebro*, aprofundando-se na *Parafisiologia* do processo retrocognitivo e na aplicabilidade das memórias implícitas como ferramenta investigativa da trajetória holobiográfica.

**A AUTOINVESTIGAÇÃO DAS MEMÓRIAS IMPLÍCITAS
CONSTITUI METODOLOGIA DE AUTOPESQUISA
SERIEXOLÓGICA CAPAZ DE AMPLIAR A COMPREEN-
SÃO DA MATRIZ AUTOCOGNITIVA NA VIDA ATUAL.**

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

01. **Almeida**, Mara Zélia de; *Plantas Medicinais*; pref. 1ª edição Juceni Pereira David; Edna Maura Prata de Araújo; & Lidércia Cavalcanti R. C. Silva; pref. 2ª edição Elaine Elisabethsky; pref. 3ª edição Jussara Cony; revisores José Fernando Oliveira Costa; *et al.*; 222 p.; 3 caps.; 1 cronologia; 41 enus.; 129 espécies vegetais; 1 esquema; 1 fluxograma; 14 fotos; glos. 71 termos; 80 ilus.; 2 *websites*; 296 refs.; alf.; 20 x 20 cm; 3ª Ed.; *EDUFBA*; Salvador, BA; 2011; página 45; disponível em <<http://books.scielo.org>>; acesso em: 18.02.2025; 22h.
02. **Campos**, Ludimila Caliman; **Lorenzoni**, Lara Ferreira; & **Lima**, Aline Magdalão da Fonseca; *Curandeirismo no Brasil: Uma Abordagem Histórico-jurídica na Transição para a República*; Artigo; *Relegens Thréskeia*; Revista; Anuário; Vol. 9; N. 2; 3 *E-mails*; 1 ilus.; 3 microbiografias; 3 *websites*; 5 notas; 25 refs.; *Núcleo de Pesquisa em Religião da Universidade Federal do Paraná* (NUPPER); Curitiba, PR; 2020; páginas 229 a 230; disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/75329>>; acesso em: 20.03.2025; 20h53.
03. **Dalgalarro**, Paulo; *Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais*; 506 p.; 3 partes; 40 caps.; 14 citações; 166 enus.; 2 esquemas; 3 ilus.; 21 tabs.; 1 *website*; 56 notas; 1.162 refs.; alf.; 25 x 17 cm; br.; 3ª Ed.; *Artmed*; Porto Alegre, RS; 2019; páginas 71, 72, 132 e 133.
04. **Fernandes**, Pedro; *Gatilho Retrocognitivo* (N. 2.269; 18.04.2012); Verbete; In: **Vieira**, Waldo; Org.; *Enciclopédia da Conscienciologia*; apres. Coordenação da ENCYCLOSSAPIENS; revisores Equipe de Revisores da ENCYCLOSSAPIENS; Vol. Digital Único (PDF); CCXL + 34.372 p.; 3 *E-mails*; 11.129 enus.; 727 especialidades; 1 foto; glos. 6.500 termos (verbetes); 1 ilus.; 1.001 microbiografias; 417 tabs.; 25 *websites*; 1.048 filmes; 22.474 refs.; 125 vídeos; 1.860 webgrafias; alf.; 10ª Ed. rev. e aum.; *Associação Internacional de Encicpeliologia Conscienciológica* (ENCYCLOSSAPIENS); & *Associação Internacional Editares*; Foz do Iguaçu, PR; 2023; páginas 17.115 a 17.121; disponível em: <<https://encyclossapiens.space/ec/ECDigital10.pdf>>; acesso em: 20.03.2025; 21h09.
05. **Idem**; *Seriexologia: Evolução Multiexistencial lúcida*; Tratado; editor Oswaldo Vernet; revisores Dayane Rossa; *et al.*; 1.020 p.; 11 seções; 143 caps.; 163 definições; 610 enus.; 2 escalas; 3 esquemas; 66 fichários; 1 fórmula; 1 foto; 134 frases enfáticas; glos. 300 termos; 52 *homines*; 1 ilus.; 689 logias; 190 megapenses trivoculares; 1 microbiografia; 10 perguntas e 10 respostas; 1 pontuação; 225 questionamentos; 8 questionários; 3 tabs.; 17 notas; 6 filmes; 160 refs.; 106 verbetes; 5 webgrafias; alf.; geo.; ono.; 29 x 22,5 x 6 cm; enc.; *Associação Internacional Editares*; Foz do Iguaçu, PR; 2021; páginas 105 e 163.
06. **Kandel**, Eric R.; *et al.*; *Princípios da Neurociência* (*Principles of Neural Science*); Tratado; pref. Luiz Eugênio A. M. Mello; trad. Ana Caroline Guedes Pereira; *et al.*; revisores científicos Luiz Eugênio A. M. Mello; & Luiz Roberto G. Britto; 1.414 p.; 9 partes; 63 caps.; 1 citação; 11 diagramas; 897 esquemas; 10 fluxogramas; 117 fórmulas; 346 fotos; 410 gráfs.; 534 ilus.; 56 infográfs.; 3 mapas; 1 organograma; 53 tabs.; 1.981 refs.; 4 apênds.; alf.; 28,5 x 21,5 x 6 cm; enc.; 4ª Ed.; *Manole*; Barueri, SP; 2003; páginas 1.227, 1.231 e 1.237 a 1.240.
07. **Machado**, Camila; *Fichas Técnicas Retrocognitivas: Instrumento de Autopesquisa Seriexológica*; Artigo; *Multiexistência*; Revista; Anuário; Ano 2; N. 2; Seção: *Artigo Original*; 1 *E-mail*; 1 esquema; 2 fichários; 1 minicurrículo; 13 refs.; *Associação Internacional de Pesquisas Seriexológicas e Holobiográficas* (Consecutivus); Foz do Iguaçu, PR; Dezembro, 2024; página 120.
08. **Mourão Júnior**, Carlos Alberto; & **Faria**, Nicole Costa; *Memória*; Artigo; *Psicologia: Reflexão e Crítica*; Revista; Anuário; Vol. 28; N. 4; 1 *E-mail*; 30 refs.; *Universidade Federal do Rio Grande do Sul* (UFRGS); Porto Alegre, RS; Dezembro, 2015; páginas 780 a 783, 785 e 787.
09. **Peres**, Christovão; *Determinantes Volitivos da Reciclagem Consciencial*; Artigo; *XII Jornada de Consciencioterapia*; Foz do Iguaçu, PR; 05-06.09.20; *Conscientiotherapia*; Revista; Anuário; Ano 9; N. 10; Seção: *Autoconsciencioterapia*; 1 *E-mail*; 18 enus.; 1 minicurrículo; 7 refs.; 1 webgrafia; *Organização Internacional de Consciencioterapia* (OIC); & *Associação Internacional Editares*; Foz do Iguaçu, PR; Setembro, 2020; página 82.
10. **Schneider**, João Ricardo; *História do Parapsiquismo: Das Sociedades Tribais à Conscienciologia*; pref. Marcelo da Luz; revisores César Machado; *et al.*; 866 p.; 3 partes; 28 caps.; 165 enus.; 27 ilus.; 1.409 notas; 1.044 refs.; 212 webgrafias; alf.; geo.; ono.; 28 x 21 x 4,5 cm; br.; *Associação Internacional Editares*; Foz do Iguaçu, PR; 2019; páginas 231 a 251 e 273 a 298.
11. **Van Der Kolk**, Bessel; *O Corpo Guarda as Marcas: Cérebro, Mente e Corpo na Cura do Trauma* (*The Body Keeps the Score: Brain, Mind, and Body in the Healing of Trauma*); revisores Ana Grillo; & Rebeca Bolite; trad. Donaldson M. Garschagen; 480 p.; 5 partes; 20 caps.; 28 citações; 1 *E-mail*; 4 esquemas; 28 fotos; 10 ilus.; 7 infográfs.; 1 *website*; epíl.; 482 notas; 45 webgrafias; 1 apênd.; 23 x 16 cm; br.; *Sextante*; São Paulo, SP; 2020; páginas 43, 63 e 65.

12. **Vieira**, Waldo; *Dicionário de Argumentos da Conscienciologia*; revisores Equipe de Revisores do Holociclo; 1.572 p.; 1 blog; 21 E-mails; 551 enus.; 1 esquema da evolução consciencial; 18 fotos; glos. 650 termos; 19 websites; alf.; 28,5 x 21,5 x 7 cm; enc.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2014; páginas 354, 390, 792, 898, 909 e 1.245.

13. **Idem**; *Nódulo Holomnemônico* (N. 1.650; 04.08.2010); Verbete; In: **Vieira**, Waldo; Org.; *Enciclopédia da Conscienciologia*; apres. Coordenação da ENCYCLOSSAPIENS; revisores Equipe de Revisores da ENCYCLOSSAPIENS; Vol. Digital Único (PDF); CCXL + 34.372 p.; 3 E-mails; 11.129 enus.; 727 especialidades; 1 foto; glos. 6.500 termos (verbetes); 1 ilus.; 1.001 microbiografias; 417 tabs.; 25 websites; 1.048 filmes; 22.474 refs.; 125 vídeos; 1.860 webgrafias; alf.; 10ª Ed. rev. e aum.; Associação Internacional de Enciclopediologia Conscienciológica (ENCYCLOSSAPIENS); & Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2023; páginas 23.720 a 23.724; disponível em: <<https://encyclossapiens.space/ec/ECDigital10.pdf>>; acesso em: 23.03.2025; 17h.

14. **Idem**; *Projeciologia: Panorama das Experiências da Consciência Fora do Corpo Humano*; revisores Alexander Steiner; et al.; 1.254 p.; 18 seções; 525 caps.; 150 abrevs.; 17 E-mails; 1.156 enus.; 1 escala; 1 foto; 3 gráfs.; 42 ilus.; 1 microbiografia; 1 sinopse; 2 tabs.; 15 websites; glos. 300 termos; 2.041 refs.; alf.; geo.; ono.; 28 x 21 x 7 cm; enc.; 10ª Ed.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2009; páginas 751.

15. **Idem**; *700 Experimentos da Conscienciologia*; revisores Ana Maria Bonfim; Everton Santos; & Tatiana Lopes; 1.088 p.; 40 seções; 100 subseções; 700 caps.; 147 abrevs.; 1 blog; 1 cronologia; 100 datas; 20 E-mails; 600 enus.; 272 estrangerismos; 1 fórmula; 1 foto; 1 microbiografia; 56 tabs.; 57 técnicas; 300 testes; 21 websites; glos. 280 termos; 5.116 refs.; alf.; geo.; ono.; 28,5 x 21,5 x 7 cm; enc.; 3ª Ed. rev. e aum.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2013; página 357.

16. **Walker**, Timothy; *The Role and Practices of the Curandeiro and Saludador in Early Modern Portuguese Society*; Artigo; *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*; Revista; Trimestral; Vol. 11; S/N; Seção: *Suplemento 01*; 2 E-mails; 1 ilus.; 33 notas; 13 refs.; Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz); Rio de Janeiro, RJ; 2004; páginas 225 e 226.

17. **Xavier**, Gilberto Fernando; *A Modularidade da Memória e o Sistema Nervoso*; Artigo; *Psicologia USP*; Revista; Quadrimestral; Vol. 4; N. 1/2; 1 diagrama; 1 enu.; 2 esquemas; 1 fluxogramas; 2 notas; 101 refs.; Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP); São Paulo, SP; 1993; páginas 61, 62, 74, 79 e 94.

18. **Yehuda**, Rachel; & **Lehrner**, Amy; *Intergenerational Transmission of Trauma Effects: Putative Role of Epigenetic Mechanisms*; Artigo; *World Psychiatry*; Revista; Quadrimestral; Vol. 17; N. 3; Seção: *Special Article*; 207 refs.; World Psychiatric Association (WPA); Genebra; Suíça; Outubro, 2018; páginas 249 e 250.

PARA CITAR ESTE ARTIGO

1. **Machado**, Camila; *Autopesquisa Paragenética a partir da Memória Implícita*; Artigo; *Multiexistência*; Revista; Anuário; Ano 3; N. 3; Seção: *Artigo Original*; 1 E-mail; 9 enus.; 1 fluxograma; 1 minicurriculo; 1 organograma; 1 tab.; 18 refs.; Associação Internacional de Pesquisas Seriexológicas e Holobiográficas (Consecutivus); Foz do Iguaçu, PR; Junho, 2025; páginas 43 a 57.

